

Dos Blogs Lights aos *m-Health*: reflexões sobre a produção de presença no contexto da ubiquidade digital¹

Erika Oikawa²

PPGCOM/PUCRS

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é discutir a noção de *presença* no atual contexto de ubiquidade digital, já que a internet móvel abriu possibilidades de estarmos sempre presentes, em contextos espaciais distintos e vivenciando um tipo de ubiquidade diferente daquela proporcionada pela internet fixa/desktop. A partir do aporte teórico da Teoria das Materialidades da Comunicação, o trabalho apresenta os resultados de um estudo exploratório, no qual se analisou três reportagens sobre a relação “tecnologia digital e reeducação alimentar (R.A)”, publicadas em períodos distintos (2005, 2009 e 2012), com o propósito de coletar pistas de como as essas tecnologias vêm transformando a experiência de R.A ao longo dos anos. Os primeiros indícios nos levam à hipótese de que as materialidades da internet móvel geram novas formas de produção e de percepção de presença, a partir da vigilância e dos *feedbacks* instantâneos que possibilitam.

Palavras-chave: Materialidades da comunicação; Produção de presença; Comunicação ubíqua; Apps; Reeducação alimentar.

Introdução

Basta uma breve observação em nosso cotidiano para notarmos o quanto as tecnologias móveis de comunicação se impõem na paisagem urbana contemporânea. Seja nos ônibus, em restaurantes, salas de aula, caminhando na rua ou correndo nos parques, há sempre pessoas manuseando seus *tablets* ou *smartphones*, não importando a pertinência da hora ou do lugar, principalmente se o *wi-fi* estiver disponível. Tirar fotos das refeições e publicá-las nas redes sociais, por exemplo, tornou-se tão corriqueiro, que virou notícia o fato de vários restaurantes pelo mundo proibirem essa prática entre seus clientes, alegando atrapalhar a experiência gastronômica proposta

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Novos Meios e Novas Linguagens”, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Bolsista CAPES/FAPERGS. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e Jornalista pela UFPA. E-mail: erikaoikawa@gmail.com

pelos estabelecimentos³. Tão veloz quanto o surgimento dessas práticas é a sua consolidação em decorrência do uso massivo desses aparelhos, como pôde ser percebido no final de 2013, quando o *Dicionário Oxford*, um dos mais prestigiados do mundo, elegeu o termo *selfie* como a “palavra do ano”⁴. De acordo com os editores da publicação, a escolha da *Oxford Dictionaries Word of the Year* leva em consideração a capacidade da palavra ou da expressão atrair o interesse público no decorrer do ano e o termo – que se refere à prática de produzir autorretratos, geralmente com a câmera de um smartphone, e publicá-los nos sites de redes sociais – teve um aumento de 17000% em seu uso, comparado ao ano anterior⁵.

Para Lúcia Santaella (2007, 2008), os aparelhos móveis de comunicação são tão paradigmáticos que, mais do que representar a quinta geração de tecnologias comunicacionais⁶, provocam transformações importantes no mundo, instaurando o que autora caracteriza como “cultura da mobilidade”. Afinal, essas tecnologias permitem que as pessoas estejam em um estado de conexão permanente, que facilita o consumo e a produção de informação em “tempo real”, alterando os processos comunicativos e as dinâmicas relacionais contemporâneas (OIKAWA, 2012). Daí a importância das pesquisas em Comunicação se voltarem para os diversos aspectos deste atual contexto de ubiquidade, já que, com a comunicação cada vez mais móvel e menos confinada em lugares fixos, os fluxos de signos e de informações se aceleram, afetando nossos processos cognitivos, afetivos e sociais.

Entretanto, é importante salientar que a possibilidade de estarmos presente em dois espaços ao mesmo tempo não é condição exclusiva do acesso às tecnologias móveis, tanto que a questão da ubiquidade é tema recorrente desde o início dos estudos ciberculturais, mesmo quando estes se voltavam ao contexto – nada móvel – dos desktops. Contraditoriamente, para que a condição de ubiquidade fosse acessada,

³ Ver matéria “Restaurantes pelo mundo proíbem clientes de fotografar pratos”, disponível em <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/restaurantes-pelo-mundo-proibem-clientes-de-fotografar-pratos-7375889>>. Acesso em 31 jul. 2014.

⁴ Ver o post “Oxford Dictionaries Word of the Year 2013”, disponível em <<http://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013/>>. Acesso em 31 jul. 2014.

⁵ E considerando apenas o monitoramento do idioma inglês.

⁶ De acordo com Santaella (2008), os meios de comunicação de massa eletromecânicos são a primeira geração; os eletroeletrônicos a segunda; os dispositivos e processos de comunicação *narrowcasting* são a terceira; e os computadores pessoais ligados a redes teleinformáticas a quarta geração.

era preciso fixar os corpos físicos em frente a um computador com acesso à internet. Como lembra Santaella (2013, p. 136), antes da popularização das mídias móveis e das redes sem fio, a entrada no ciberespaço era precedida de rituais que implicavam em ter que “[...] chegar em casa ou no escritório, ligar o *desktop* ou *laptop*, esperar a conexão para poder navegar pelas infovias ou se comunicar com nossos pares ou ímpares, em pontos dispersos do planeta”. Por conta desses rituais, muitas vezes demorados e desgastantes, tornou-se comum a circulação de discursos que demarcavam, de forma muito clara, os espaços on-line e off-line e que resultaram em uma oposição equivocada entre o virtual e o real (SANTAELLA, 2013).

A emergência de tecnologias como *tablets* e *smartphones* possibilitou a abolição desse tipo de ritual, permitindo a nossa livre circulação tanto no espaço ciber, quanto no próprio espaço físico onde se encontra os nossos corpos. Consequentemente, essas tecnologias transformam também a maneira como habitamos e nos relacionamos nesses espaços, já que passamos a acessar territórios informacionais, compreendidos como uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço físico, cujo acesso e controle ocorrem por meio de dispositivos móveis e redes sem fio⁷ (LEMOS, 2007).

Essa fusão entre esses espaços resulta em um estado “hipermobilidade” que passa a afetar nossas interações sociais diárias. É chamada de hipermobilidade “[...] porque à mobilidade física do cosmopolitismo crescente foi acrescida a mobilidade virtual das redes. Com os aparelhos móveis, ambas as mobilidades se entrelaçaram, interconectaram-se, tornaram-se mais agudas pelas ações de uma sobre a outra” (SANTAELLA, 2007, p. 187). Dessa forma, a hipermobilidade borra qualquer fronteira até então bem delimitada entre presença e ausência, ao permitir que uma pessoa movimente-se simultaneamente em dois contextos espaciais distintos.

De toda a forma, o que nos interessa aqui é a possibilidade de presença constante que os dispositivos móveis propiciam, além da capacidade de experienciar essa ubiquidade de segunda ordem que surge com a hipermobilidade. Santaella afirma que, mais do que simplesmente vivenciar, a própria condição contemporânea de nossa

⁷ Lemos (2007) ressalta a importância de se enfatizar esse caráter híbrido e movente do território informacional, formado pela intersecção entre o espaço eletrônico e o espaço físico, não devendo ser confundido, portanto, com o próprio ciberespaço.

existência passa a ser ubíqua, pois “[...] estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presente-ausente. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença” (2013, p. 16).

Nesse sentido, torna-se pertinente questionar como as tecnologias da comunicação móvel alteram a produção e a percepção do que seja “presença”, “estar presente”, no atual contexto da ubiquidade. Tal reflexão será feita a partir da relação entre as tecnologias digitais de comunicação na experiência de reeducação alimentar (R.A) ao longo dos anos. Dos “tradicionais” blogs de dietas, que proliferaram no início dos anos 2000, aos chamados *m-Health*⁸, o trabalho vai centrar na questão da materialidade dos meios de comunicação, partindo da premissa de que cada uma dessas tecnologias possui especificidades que influenciam os processos comunicacionais e interacionais e, conseqüentemente, as formas de produzir e perceber presenças.

As materialidades da comunicação ubíqua

A abordagem das materialidades da comunicação diz respeito a “[...] todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem, eles mesmos, sentido” (GUMBRECHT, 2010, p. 28). Nas palavras de Hans Ulrich Gumbrecht, considerado o principal articulador da teoria, o fascínio fundamental por essa abordagem “[...] surgiu da questão de saber como os diferentes meios – as diferentes ‘materialidades’ – de comunicação afetariam o sentido que transportavam”.

A proposta das materialidades é, portanto, tratar os meios para além de uma hermenêutica da comunicação, partindo do princípio que toda forma de comunicação é feita a partir de suportes materiais, que devem ser analisados antes de serem abstraídos de suas características materiais (LEMOS, 2010). Em outras palavras, o viés da materialidade não considera que um complexo de sentidos possa estar separado de sua medialidade, como por exemplo, os diferentes aspectos entre uma página impressa e uma tela de computador (GUMBRECHT, 2010).

⁸ Abreviação para *Mobile Health*, termo utilizado para designar os cuidados com a saúde por meio dos dispositivos móveis.

Para isso, Gumbrecht (1998, 2010) propõe a distinção entre *produção de sentido* – ligada à tarefa de interpretação dos fenômenos, atribuindo-lhes, muitas vezes, uma explicação metafísica⁹ –, e *produção de presença*, voltado para a percepção da matéria pelos nossos sentidos (corpo). Aqui, o termo *produção*, explica Gumbrecht, é usado no sentido da raiz etimológica da palavra (do latim *producere*), que se refere ao ato de “trazer para diante” um objeto no espaço, enquanto a *presença* “é a relação espacial com o mundo e seus objetos”. Portanto, *produção de presença* se refere a “todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos ‘presentes’ sobre corpos humanos” (GUMBRECHT, 2010, p. 13).

Para a compreender a *produção de presença* no sentido proposto por Gumbrecht, é inevitável, segundo o próprio autor, “sujar as mãos” no conceito de transubstanciação proposta pela filosofia de Aristóteles (GUMBRECHT, 2010). Tal conceito está ligado ao sacramento da Eucaristia na cultura medieval, ou seja, à produção da Verdadeiro Presença de Deus na Terra entre os vivos. Nesse tempo, a celebração da missa não era apenas uma comemoração da Última Ceia de Cristo, mas, um ritual por meio do qual “[...] a ‘verdadeira’ Última Ceia e, acima de tudo, o corpo de Cristo e o sangue de Cristo poderiam torna-se ‘realmente’ e de novo presentes.” (GUMBRECHT, 2010, p. 51). Assim, a dicotomia entre “material” e “imaterial” não se mantém no conceito aristotélico de *signo*. Não há um sentido “imaterial” desconectado de um “significante material”, pois a eucaristia católica pré-moderna “[...] funcionava como um ato mágico, um ato por meio do qual uma substância distante do tempo e no espaço se tornava presente.” (GUMBRECHT, 2010, p. 52).

De qualquer forma, o que queremos atentar aqui é para o fato de que a dicotomização entre “espiritual” e “material estruturou as bases para a emergência do “paradigma do sujeito/objeto”, no qual o corpo humano foi relegado ao lugar dos objetos do mundo, enquanto no “[...] pensamento medieval se acreditava que espírito e matéria eram inseparáveis, tanto nos seres humanos como nos demais elementos da criação divina”. (GUMBRECHT, 2010, p. 47).

⁹ Segundo Gumbrecht (2010, p. 14), metafísica “refere-se a uma atitude, quer cotidiana, quer acadêmica, que atribui ao sentido dos fenômenos um valor mais elevado do que à sua presença material [...]”.

Gumbrecht faz questão de enfatizar, porém, que a abordagem das materialidades não pretende ser anti-hermenêutica, muito menos propõe uma lógica dualista que elimine o sentido em favor da presença, mas sim ultrapassar essa polaridade entre significante puramente material e significado puramente espiritual. A intenção é “marcar o contraste entre ambos e explorar [...] como uma ‘cultura de presença’ se diferencia e tensiona uma ‘cultura de sentido’” (GUMBRECHT, 2010, p. 11). Em outras palavras, longe de negar o pensamento hermenêutico, o que a teoria das materialidades questiona é a primazia dada ao sentido/interpretação dentro no pensamento ocidental moderno, em detrimento das materialidades que possibilitam a emergência desse sentido, incluindo o próprio corpo.

Assim, a vertente materialista da comunicação reivindica o retorno do corpo para a compreensão da cultura, mas não na forma de um “[...] corpo simbólico (re)produzido através da diversidade discursiva, condicionada pelas práticas de saber/poder, e explicado através de metodologias hermenêuticas” (CSORDAS apud FELINTO; PEREIRA, 2005, p. 90). O corpo retorna como coagentes da transformação da própria cultura, na medida em que também são agentes dos modos de se ordenar e de encaminhar práticas culturais (FELINTO; PEREIRA, 2005).

Para Felinto e Andrade (2005, p. 88), “[...] tão importante quanto os sentidos/significados sugeridos por uma cultura, são os choques, as sensações, as afetações perceptivas, corpóreas, enfim, materiais, que essa mesma cultura promove através de diferentes meios e tecnologias”. Por isso, esses autores colocam os teóricos das materialidades como devedores, de certa forma, do pensamento de Georg Simmel, Siegfried Krakauer e Walter Benjamin, que voltavam suas reflexões para as articulações entre os estímulos sensoriais do ambiente urbano moderno e a transformação contínua do sistema perceptivo humano. Assim, o ponto em comum que une a perspectiva desses três autores é a reflexão da modernidade para além de suas dinâmicas socioeconômicas, tomando “[...] o corpo como um sistema em permanente transformação, gerando demandas específicas a esta mesma cultura, à medida que se transformam” (FELINTO; PEREIRA, 2005, p. 86). Por essa perspectiva, a centralidade do corpo é retomada trazendo à tona a sua própria materialidade, seja nas abordagens que o considera como um meio de comunicação, seja a partir da introdução da noção de *corporificação* (*embodiment*), esta última

voltada principalmente para o imbricamento do corpo com as tecnologias digitais (FELINTO; PEREIRA, 2005).

Com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação – em especial a partir dos diversos aplicativos (*apps*) de monitoramento de corpo, capazes de “traduzir” dados fisiológicos em informações facilmente inteligíveis a qualquer pessoa –, a relevância de se trazer o corpo para o centro das discussões se torna mais evidente. O aplicativo *Stress Check*, por exemplo, é capaz de medir os batimentos cardíacos da pessoa ao colocar o dedo na lente da câmera e, cruzando-se esses dados com informações sobre sexo e idade, oferece algumas sugestões imediatas para diminuir a tensão, desde respirar profundamente até uma pausa no trabalho para dar uma caminhada. Além de *apps* para monitorar o estresse, há aqueles voltados para o controle dos níveis de glicose no sangue, período menstrual, atividade sexual, qualidade do sono, entre diversas outras atividades.

Nesse contexto, surgem iniciativas como o *Quantified Selves* (QSs) – grupo dedicado ao automonitoramento de hábitos diários, que, por meio de variados tipos de *hardwares* e *softwares* específicos, tentam descobrir e “tendências e correlações sobre seu comportamento e sua saúde a partir do armazenamento de diversos conjuntos de indicadores que permitem monitorar uma infinidade de condições”, de doenças crônicas à qualidade do humor (NASCIMENTO; BRUNO, 2013, p.2). Para Nascimento e Bruno (2013), esse tipo de automonitoramento proposto pelo QS se configura como uma nova forma das “práticas de si”, porém, com uma diferença fundamental daquelas praticadas na antiguidade, pois “[...] faz da delegação ao dispositivo técnico a via régia do contato consigo. Um outro diálogo entre interioridade e exterioridade se produz, bem como uma forma específica de relação com o conhecimento especializado” (NASCIMENTO; BRUNO, 2013, p. 18). Assim, as autoras defendem que essa forma de autoconhecimento vem impregnada com os discursos da biomedicina, nos quais o “eu” passa a ser traduzido em indicadores, reverberando a ideia de que o que pode ser medido pode ser aperfeiçoado (NASCIMENTO; BRUNO, 2013).

A emergência dessas questões relativas à noção de *embodiment* que manifestações como QS suscitam exige também novas reflexões acerca da produção de presença no contexto da ubiquidade. É sobre isso que o próximo tópico tratará,

direcionando a reflexão para o automonitoramento no processo de Reeducação Alimentar (R.A). A escolha dessa temática se deve à premissa de que há diferenças importantes se compararmos o monitoramento de dados sobre doenças crônicas ou qualidade do sono e aqueles voltados para atividades físicas ou controle da dieta, por exemplo, na medida em que, nas duas últimas, o compartilhamento dos dados nas redes sociais digitais pode influenciar diretamente os resultados apresentados, justamente pelas *presenças* produzidas no contexto da comunicação ubíqua.

Novas configurações na produção de presença: estudo exploratório

Um estudo exploratório¹⁰ foi realizado a fim de coletar pistas e indícios da relação entre as materialidades das tecnologias digitais de comunicação e a experiência de reeducação alimentar ao longo dos anos. Nesse estudo, foram analisadas três reportagens sobre a temática, publicadas em três diferentes veículos e em anos distintos, que foram escolhidas no arquivo de clipping particular da pesquisadora¹¹ e selecionadas a partir dos seguintes critérios:

- a) uma que abordasse os aplicativos para *smartphones*, já que a ideia era explorar essa passagem da internet fixa para a móvel, e por isso foi escolhida a reportagem de capa da revista *Época*, de 12 janeiro de 2012, intitulada “Emagreça usando a Internet”¹²;
- b) a mais antiga do arquivo, que correspondia à matéria “Entre no blog e emagreça”¹³, publicada no site da revista *Corpo a Corpo*, em 2005

¹⁰ Vale ressaltar que a importância desse tipo de estudo na fase inicial da pesquisa se deve ao fato dele proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de se formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 1999)

¹¹ A coleta de reportagens que tratassem da temática “Tecnologias Digitais e Reeducação Alimentar” teve início em 2012, quando ingressei no curso de doutorado do PPCOM/PUCRS. De início, comecei a arquivar matérias que tratassem do assunto – principalmente aquelas publicadas em sites e portais de notícias –, de maneira aleatória, sem nenhum tipo de protocolo metodológico. Não havia nem mesmo propósitos específicos para isso a não ser a vontade de querer começar a delimitar o problema de pesquisa da tese e a aposta de que tais reportagens pudessem ser úteis em algum momento.

¹² Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/01/emagreca-usando-internet.html>>. Acesso em 31 jul. 2014.

¹³ Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/edicoes/196/artigo6817-1.asp>>. Acesso em 31 jul. 2014.

- c) e uma que representasse o período intermediário entre esses anos, por isso foi escolhida a matéria “Dieta na rede”¹⁴, publicada no site da *Folha de São Paulo*, em 2009.

Para operacionalizar a busca desses indícios foi feita uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) nas três matérias selecionadas, seguindo algumas etapas desse tipo de análise:

- a) Pré-análise: com a realização de uma “leitura flutuante”¹⁵ das matérias selecionadas.
- b) Análise: após a leitura de cada uma das reportagens, foram sistematizados os principais dados para a comparação – descrição da tecnologia, abordagem da reportagem em relação ao papel da tecnologia na experiência de RA, percepção das entrevistas em relação a essas tecnologias – a fim de provocar a emergência de indícios que pudessem colaborar com o estudo.
- c) Pós-análise: com a sistematização das pistas e indícios encontrados, foi possível desenvolver algumas hipóteses acerca da influência das materialidades das tecnologias digitais na experiência de reeducação alimentar.

Começamos a análise com a reportagem mais antiga, “Entre no blog e emagreça”, publicada pela revista *Corpo a Corpo*, em 2005. Duas coisas chamam a atenção quando lidas hoje, quase uma década depois. A primeira é a definição do que seria um blog: ora são chamados de “espécie de site interativo” – a fim de marcar a diferença com as antigas *homepages* que, no geral, não possuíam espaço para comentários dos leitores –, ora como “diário virtual na internet”, devido à popularidade que os blogs do tipo pessoal autorreflexivo (PRIMO, 2008) tinham no início dos anos 2000. A recorrência a analogias como “diário virtual” e um tutorial de “como fazer um blog” ao final da matéria evidenciam o quanto essa tecnologia era nova nessa época, ao menos para o grande público.

¹⁴ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1902200904.htm>>. Acesso em 31 jul. 2014.

¹⁵ A leitura flutuante tem como objetivo organizar o material a ser analisado, a fim de torna-lo “operacional”. Nesse sentido, a “leitura flutuante” é o primeiro passo dessa fase e diz respeito ao estabelecimento de um primeiro contato com os documentos da coleta, momento em que se começa a conhecer o texto com o intuito de apreender (BARDIN, 1977).

A segunda coisa a chamar atenção é o fato da “cumplicidade” dos leitores dos blogs ser apontada como o grande – e praticamente o único – fator para os bons resultados alcançados no processo de emagrecimento das blogueiras. Como afirmou uma das entrevistadas: “Com o blog, recebo incentivos, truques e informações importantes de outras blogueiras light, que me ajudam muito a perseverar em busca da perda de peso e passam dicas que descobriram com a própria experiência” (CORPO, 2005, on-line). Chama a atenção porque a percepção que as blogueiras demonstram ter em relação ao blog – ao menos de acordo com a construção da reportagem – é a de que ele representa um espaço para narrar a mudança de hábito e que facilita a troca de experiências, mas, sua importância nesse processo fica restrito a uma simples “ferramenta de publicação”, conforme explicita o subtítulo da matéria: “A receita é simples: basta fazer um diário virtual na internet e colocar nele o dia-a-dia da sua dieta. Três ex-gordinhas fizeram isso e perderam mais de 20 kg cada uma. Confira como funciona”.

Já a reportagem de 2009, da *Folha de São Paulo*, é direcionada para a chamada “blogosfera light”, nome dado às redes de blogs dedicadas ao processo de reeducação alimentar. Os blogs ainda são definidos como sinônimos de “diários virtuais” e o apoio e a cumplicidade dos leitores ainda são apontados pelas blogueiras como o “ponto-chave” pelos bons resultados alcançados na experiência de R.A. Entretanto, outro processo começa a transparecer nos depoimentos das blogueiras: a vigilância em torno dessa prática. Uma das entrevistadas afirma, inclusive, que a interação com os leitores funciona como uma “vigilância no bom sentido”, que a impede de cometer certos deslizes na dieta: “Fui a uma festa e pensei ‘vou chutar o balde’, mas lembrei que iria colocar no blog, lembrei-me do compromisso. Serve de exemplo, como se eu fosse uma professora: não vou dar mau exemplo”.

Nota-se aí que os posts nos blogs não são percebidos apenas com um espaço para relatar o passo a passo da reeducação alimentar, mas acabam também influenciando a própria experiência de RA à medida que as blogueiras deixam de tomar determinadas atitudes em consideração a um público leitor virtual. Impressão essa que vai ao encontro de outro indício apontado pela matéria: os blogueiros que mais perdem peso são também os mais visitados, pois são vistos como “ídolos” e “o

exemplo buscado por quem está no início do percurso”. Entretanto, o processo de vigilância se mostra ainda como algo internalizado, subjetivado pela blogueira.

Já a matéria da revista *Época* de 12 de janeiro de 2012 aborda a formação e o crescimento de redes sociais digitais específicas para o processo de R.A, que, além dos já conhecidos sites de dietas e dos blogs “light”, ganham força com a popularização de sites de redes sociais como *Facebook* e dos aplicativos de *m-Health*. Se nas reportagens de 2005 e de 2009, a solidariedade e a cumplicidade entre blogueiros e leitores apareciam como um importante diferencial no processo de R.A, na matéria de 2012, a conexão constante proporcionada pelas tecnologias móveis consta como o grande diferencial para o bom desempenho nos dias atuais. Isso provoca uma espécie de inversão no processo, ao menos na forma de percebê-lo por meio da leitura das matérias: antes, era preciso emagrecer para ganhar leitores e seguidores, hoje, é preciso primeiro ter seguidores e “amigos” virtuais para perder peso.

Em todo caso, o que se evidencia na matéria mais recente é que esse estado *always on* dá vazão a dois processos distintos, mas, intrinsecamente ligados. O primeiro é a vigilância em torno das experiências de R.A nas redes digitais. Conforme a reportagem, “[...] para 65% dos participantes, umas das grandes vantagens do regime on-line é a possibilidade de acompanhar o desempenho dos colegas – e ser acompanhado por eles. [...]”. Tal informação vai ao encontro de outro dado divulgado na mesma matéria, ressaltando que o número de amigos nessas redes sociais pode influenciar também em uma melhor performance nos programas de emagrecimento na internet: “[...] pesquisa feita pelos criadores do programa MyFitnessPal (uma espécie de contador de calorias de bolso [...]) mostrou que os usuários emagrecem na mesma proporção em que cresce o número de seus amigos. Quanto mais gente olhando, melhor o resultado” (ÉPOCA, 2012, on-line).

O segundo processo diz respeito ao *feedback* constante e instantâneo acerca das atitudes tomadas por quem está no processo de R.A: “A facilidade de registrar em arquivos eletrônicos cada alimento que alguém põe na boca e de avaliar instantaneamente o resultado de suas escolhas é considerada pelos psicólogos a peça-chave no sucesso dos programas virtuais de emagrecimento” (ÉPOCA, 2012, on-line).

Não se trata aqui de desconsiderar que a vigilância já existia nas relações dos antigos blogs, tampouco afirmar que as relações de solidariedade não estão mais presentes nas atuais interações em rede, mas, o objetivo é chamar a atenção para o deslocamento de olhar que as reportagens fazem em torno das experiências de R.A mediadas pelas redes digitais. Um dos fatores responsáveis por essa nova visada em torno desses processos está relacionado com a materialidade das tecnologias disponíveis atualmente, em especial, os *smartphones* e seus aplicativos diversos. Afinal, tanto a vigilância em torno das práticas de automonitoramento quanto os *feedbacks* instantâneos decorrentes dessas práticas são possíveis, principalmente, pelo fato dessas tecnologias serem portáteis o suficiente para que possam ser levadas para qualquer lugar, sem grandes dificuldades, e “amigáveis” o bastante para que a produção de informação ocorra de forma constante.

Além disso, o processo de escrita em blogs exige maior dedicação dos seus autores para mantê-los sempre atualizados, além de mobilizar uma série de cuidados com o texto, que incluem desde um atencioso trabalho de revisão à escolha da melhor imagem para compor o texto, se comparado aos textos publicados em sites de redes sociais. Não é à toa que, com a popularização de sites como o Facebook e o Twitter, houve uma queda nas postagens dos blogueiros do tipo *hobbyst* – ou seja, a maioria dos autores de blog pessoais autorreflexivos –, conforme o *State of The Blogosphere* de 2009. Como atentam Java et al. (2007, on-line): por incentivar mensagens curtas, plataformas como o Twitter exigem menos investimento de tempo e de “raciocínio” para elaborar conteúdos, se comparados aos blogs. O que se quer destacar aqui é o trabalho que a escrita de um único post poderia exigir do blogueiro, principalmente no contexto da internet discada, quando o acesso ocorria de forma bastante pontual e a conexão era aquém se comparada com as atuais.

Hoje, entretanto, esse processo de composição de textos e de “digestão” das experiências antes de publicá-las na rede parece cada vez mais raro, diante da possibilidade que as tecnologias móveis de comunicação oferecem em realizar atualizações a qualquer hora e lugar. Tal situação, conforme atenta Santaella, provoca, o uma “dissolução da distinção ontológica” entre o transcorrer da vida e o seu registro: “Viver e registrar o vivido sobrepõem-se temporalmente. Não há mais separação entre viver e narrar a vida enquanto ela passa” (SANTAELLA, 2013, p.

127). Cenário bem diferente daquele em que se encontravam as blogueiras da reportagem de 2005, que, provavelmente, enfrentavam todo o ritual descrito por Santaella para acessar o ciberespaço e poder relatar suas experiências de R.A. Tal contexto evidencia também a temporalidade distinta entre o blogueiro que narra e o leitor que lia e comentava. Como a comunicação nos blogs ocorre, geralmente, de forma assíncrona, esse distanciamento temporal poderia ser um atenuante dos processos de vigilância que ocorriam nesses blogs, daí a percepção das blogueiras estar voltada quase que exclusivamente para o sentimento de cumplicidade com os leitores, que se estabelecia pela troca de experiências em torno da R.A.

Assim, essas três reportagens produzidas em tempos diferentes oferecem pistas de como a percepção em torno da R.A – e do regime de vigilância que delas se originam – foram se modificando ao longo dos anos, o que pode ser percebido analisando-se as materialidades das tecnologias digitais disponíveis em cada época. Dessa forma, defende-se aqui que tanto a vigilância quanto o *feedback* instantâneo, produzidas pelas materialidades dos meios móveis, são evidências das novas formas de produção de presença que ocorrem no contexto da comunicação ubíqua, o que servirá como hipótese para o aprofundamento do estudo daqui em diante.

Considerações finais

Ao abolir as fronteiras até então nítidas entre os espaços ciber, físico e os informacionais e também entre o transcorrer da vida e o seu registro (SANTAELLA, 2013), as atuais tecnologias móveis de comunicação possibilitam novas configurações acerca da *produção de presença*, por provocarem um recrudescimento dos regimes de vigilância. Como visto nas experiências em torno do processo de R.A nas redes digitais, a materialidade das tecnologias móveis não apenas afeta diretamente a corporalidade das pessoas – seja por meio das *apps* que “traduzem” informações fisiológicas e permitem que decisões em torno do corpo sejam tomadas de forma imediata –, mas permitem também a materialização da presença de outras pessoas. No caso dos aplicativos para corrida da *Nike*, por exemplo, eles monitoram as corridas, armazenam dados do treino, oferecem *feedbacks* auditivos sobre o desempenho do corredor, além de possibilitar o compartilhamento de todos esses dados nas redes sociais digitais no momento em que se corre. O *Nike +*, inclusive, permite que o

corredor se conecte ao *Facebook* e, cada vez que alguém “curte” o seu desempenho na corrida, ele ouve palmas de incentivo, o que acaba afetando o seu corpo. Ora, se presença “é a relação espacial com o mundo e seus objetos”, como já foi dito anteriormente, o seguidor do *Facebook* que “aplaude” o desempenho do corredor produz efeitos imediatos sobre sua corporalidade, ou seja, produz presença.

É importante ressaltar que este trabalho focou a materialidades dos dispositivos móveis, mais especificamente das *apps* para *smartphones*, mas, a cada dia, novas tecnologias são desenvolvidas, tornando-se mais invisíveis e pervasivas em nosso cotidiano, como os chamados *wearable devices*. Dentro dessa proposta, talvez seja o *Google Glass* o representante mais icônico atualmente, que, mesmo sem estar disponível no mercado ainda, já indica complexificações importantes em relação às materialidades dos meios ao sinalizar, por exemplo, a obsolescência dos atuais *smartphone* e dos rituais relacionados a esses aparelhos.

Para se ter uma noção do quão pervasivas podem ser as tecnologias *wearable*, em janeiro de 2014, a Sony apresentou sua pulseira *SmartBand*, que funciona de maneira similar a da Nike, porém, com um grande diferencial: ao invés de registrar apenas as atividades físicas, a proposta é que ao aparelho registre todas as atividades diárias, desde as horas dormidas, encontros com amigos, fotos que tirou, músicas que escutou, livros que leu, horas que passou no ônibus etc. Isso tudo com a materialidade de ainda ser à prova d’água¹⁶.

Diante das possibilidades abertas por essas novas tecnologias, a questão levantada por Gumbrecht (2011) nunca esteve tão atual: “Virá o Século XXI a ser Aristotélico?” Afinal, mais do que representação das pessoas, o que essas tecnologias propõem é a própria *presentificação* dos corpos nesses espaços híbridos, e no sentido aristotélico do termo: assim como o vinho e o pão eram o sangue e o corpo de Cristo nos rituais católicos medievais e não apenas suas simbolizações.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

¹⁶ Ver a matéria “Sony apresenta a SmartBand, sua pulseira inteligente”. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/sony-revela-smartwear-sua-pulseira-inteligente>>. Acesso em 02 mar 2014.

CORPO A CORPO. Entre no blog e emagreça, ed. 196, abr. 2005. Disponível em <<http://corpoacorporo.uol.com.br/edicoes/196/artigo6817-1.asp>>. Acesso em 31 jul. 2014.

ÉPOCA. Emagreça usando a Internet, ed. 712, 9 jan. 2012. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/01/emagreca-usando-internet.html>>. Acesso em 31 jul. 2014.

FELINTO, E.; PEREIRA, V. A. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. **Revista Contemporânea**, Salvador, v.3, n.1, 2005, pp. 75-94.

FOLHA DE SÃO PAULO. Dieta na Rede, 19 fev. 2009. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1902200904.htm>>. Acesso em 31 jul. 2014.

GUMBRECHT, H. U. Perception versus Experience. In: LENOIR, T. (org.) **Inscribing Science: Scientific Texts and the Materiality of Communication**. Stanford: Stanford University Press, 1998, pp. 351-364.

_____. **Produção de Presença**. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC-Rio, 2010.

_____. Virá o Século XXI a ser Aristotélico? **Revista Brasileira de Estudo da Presença**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2011, pp.149-163. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/21211/13881>>. Acesso em 2 mar. 2014.

JAVA, A., SONG, X., FININ, T., & TSENG, B. **Why We Twitter**: understanding microblogging usage and communities. In: 9th WEBKDD and 1st SNA-KDD Workshop '07. SanJose, California, USA, 2007. Disponível em: <<http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>>. Acesso em 10 jul 2010.

LEMOS, A. Mídias locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (eds). **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2007, pp. 207-230.

NASCIMENTO, L.; BRUNO, F. Quantified Selves: contar, monitorar e conhecer a si mesmo através dos números. In: XXII Compós, 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2013.

OIKAWA, E. Qualidade de Vida na Palma da Mão: Tecnologias Móveis Digitais, Vigilância e Visibilidade na Busca pelo Bem-estar. In: VI Simpósio Nacional da ABCiber, Novo Hamburgo. **Anais...**, 2012.

PRIMO, A. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. **Anais**, 2008.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Mídias Locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.35, 2008, p. 95-101.

_____. **Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.